

Evolução das Forças Armadas brasileiras de 1864 a 1889: do apogeu à estagnação

Bruno Gonçalves de Paiva

Carlos Roberto Carvalho Daróz

Fabian Costa Rodrigues

Fernanda das Graças Corrêa

Jorge Henrique Cardoso Leão

O cenário

Como todas as instituições, as forças armadas evoluem conforme com as transformações ocorridas em um país através da História. No caso do Brasil não foi diferente.

O período compreendido entre 1864 e 1889 é rico em fatos históricos relevantes que transformaram a sociedade brasileira e, como reflexo direto, influenciaram as Forças Armadas Imperiais. Neste recorte temporal, o Brasil vivenciou a Guerra da Tríplice Aliança, a desmobilização no pós-guerra, as questões militares, a abolição da escravatura e a Proclamação da República.

O propósito do presente artigo é destacar a evolução do Exército e da Marinha Imperiais exatamente nesse período e analisar as modificações estruturais decorrentes. O caminho que levou as Forças Armadas do Império do apogeu à estagnação.

Para atingir tais objetivos, será estabelecida uma comparação entre o período em que

ocorreu a Guerra da Tríplice Aliança (1864-70) e a fase do pós-guerra, até a Proclamação da República em 1889, assinalada em cada um dos aspectos metodológicos da Nova História Militar.

Recrutamento

Até 1864, o recrutamento para completar o efetivo do Exército Imperial consistia no voluntariado e, em maior quantidade, na convocação forçada, na qual eram incorporados despossuídos, criminosos, desocupados e menores órfãos. Havia considerável dificuldade para obter efetivos necessários, em razão do soldo ser pouco atrativo, inclusive para os oficiais, e do próprio tratamento dado aos soldados nos quartéis. Para compensar tal deficiência, o Imperador lançou mão da contratação de mercenários, os quais desempenharam papel importante na pacificação das revoltas internas no Período Regencial.¹

Com a eclosão da Guerra da Tríplice Aliança, o Brasil defrontou-se com a necessidade de

¹ Durante a pacificação da Revolução Farroupilha, o Exército Imperial empregou mais de uma centena de mercenários.

ampliar significativamente o Exército e, conseqüentemente, aumentar seu efetivo. Diversas medidas foram adotadas nesse sentido, como a mobilização da Guarda Nacional, o recrutamento de escravos libertos e, principalmente, a criação dos Corpos de Voluntários da Pátria, em janeiro de 1865, os quais possibilitaram completar os claros nas unidades existentes e mobiliar as novas unidades criadas.

Após o término das hostilidades, o Exército Imperial foi desmobilizado e os Corpos de

nova lei de recrutamento, que determinava o alistamento obrigatório e o sorteio para definir os conscritos que seriam efetivamente convocados. Por diversos motivos essa legislação não resolveu o problema do recrutamento, conforme observa Guilherme de Andréa Frota:

“... contudo, essa lei não teve aplicação prática dada a falta de espírito cívico em nosso País, aliado ao tratamento desumano que se dava ao recruta.”²

Na verdade, o Exército enfrentaria dificuldades para recrutar seu pessoal até o início da República, o que comprometia a qualidade da instrução e a efetividade das operações militares.

Instrução e adestramento

Já na década de 40 do século XIX, o governo demonstrou sua preocupação em melhorar a instrução do Exército, com a criação da Comissão Prática de Artilharia. A partir de 1850, foram adotados diversos regulamentos militares que regulavam a instrução e a tática: do Coronel Bernardo Zagalo, para a Infantaria; do Marechal britânico Beresford, para a Cavalaria; do Marechal João Carlos Pardal, para a Artilharia Montada, e as instruções da Guarda Imperial francesa para a Artilharia de Campanha.³

Apesar desse esforço de normatização, por ocasião da invasão paraguaia a instrução e o adestramento do Exército Imperial eram deficientes. A prática adquirida duramente no campo de batalha fez do Exército uma organização experiente e apta para o combate envolvendo grandes efetivos. Merece destaque a atuação de Caxias que, ao assumir o comando das forças da Tríplice Aliança, reorganizou o Exército e atribuiu prioridade para a instrução



Voluntários da Pátria
(Voluntários da Pátria)
in: FORTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

Voluntários da Pátria

Voluntários extintos, ao mesmo tempo em que a Guarda Nacional retomava suas atividades policiais tradicionais. Novamente o Exército passou a sofrer com o problema do recrutamento. Em 26 de outubro de 1864, foi aprovada uma

² FROTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

³ Idem.

dos oficiais e praças antes de iniciar a ofensiva contra o Paraguai.

A experiência em combate, no entanto, não foi aproveitada pelo governo brasileiro. A desmobilização do Exército e a rápida extinção dos Corpos de Voluntários da Pátria contribuíram para o não aproveitamento dos ensinamentos colhidos na guerra. Apesar dessa deficiência, em 1874 uma nova legislação do ensino militar foi adotada no sentido de proporcionar maior cultura ao oficial, o que acarretou a adoção das ideias positivistas e abolicionistas no seio do Exército. Como resultado, a oficialidade do Exército mergulhou no bacharelismo e no cientificismo, em detrimento dos conhecimentos propriamente militares, conforme destaca Tasso Fragoso.

“O Exército formou ilustrada plêiade de doutores, que não encontrariam nas organizações militares — tropas e estabelecimentos desparelhados e sem vitalidade marcial — o campo de emprego para seus vastos conhecimentos, capaz de servir de antídoto ao excesso de academicismo do ensino.”¹

A incapacidade militar gerada pelas ideias positivistas ficaria evidente no primeiro desafio enfrentado pelo Exército na República, com os sucessivos fracassos militares contra o arraial de Canudos.

Logística

A logística militar herdada do Primeiro Reinado era deficiente e, de certa forma, realizada empiricamente. Na guerra contra o Pa-

raguai, a logística baseava-se no aproveitamento de recursos locais, no fornecimento de itens produzidos na Corte e era complementada pelas “vivandeiras”, que acompanhavam os soldados em sua marcha pelo território inimigo. Quando assumiu o comando, Caxias introduziu diversos melhoramentos no sistema logístico da Tríplice Aliança, particularmente no fornecimento de itens de suprimento e na organização de um eficaz serviço de saúde em campanha.

Assim como a instrução, a logística militar sofreu com o término da guerra, e, mais uma vez, os ensinamentos colhidos não foram aproveitados. Mesmo com a Criação da Intendência de Guerra em 1872, representando a formalização do sistema logístico no Exército Imperial, este conviveria com uma logística militar deficiente até os últimos dias do Império.

Armamento

Diferentemente do recrutamento, da instrução e da logística, que enfrentariam um período de decadência no pós-guerra, o armamento empregado pelo Exército evoluiu consideravelmente após o término das hostilidades com o Paraguai.

Em 1864, a Infantaria brasileira era armada com os fuzis de pederneira carregados pela boca Minié e Enfield, introduzidos em 1858, enquanto as unidades de Caçadores eram dotadas de carabinas também de antecarga. Esse armamento apresentava pouca precisão, baixa cadência de tiro e obrigava o soldado a ser intensamente instruído com o material antes de ser capaz de empregá-lo eficazmente. As tropas de Artilharia e o Batalhão de Engenheiros utilizavam um mosquete que apresentava as mesmas dificuldades de operação. Em melhor situação estavam os soldados da Cavalaria,

¹ ARARIPE, Tristão de Alencar. *Tasso Fragoso: um pouco de história do nosso Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.



1. Espingarda ou granadeira de fulminante sistema Minié, para infantaria de linha e fuzileiros.
2. Baioneta triangular para a mesma arma.
3. Carabina do mesmo sistema, para infantaria ligeira e caçadores a pé.
4. Refle ou sabre-baioneta para essa arma.
5. Clavine do referido sistema para cavalaria ligeira e caçadores a cavalo.
6. Pistola de fulminante usada pela cavalaria.

Armamento empregado pelo Exército Imperial durante a Guerra da Tríplice Aliança⁵

dotados com clavinas Spencer, mais modernas de repetição, pistola, sabre e lança.

A Artilharia do Exército Imperial baseava-se nos sistemas francês, português e brasileiro, com destaque para o canhão de tiro rápido *La Hitte*.⁶ Contudo, os sistemas e os calibres diferentes acarretavam grandes dificuldades para o sistema logístico. A munição utilizada



Bateria de canhões de tiro rápido *La Hitte* em posição durante a Guerra da Tríplice Aliança

pelos canhões brasileiros consistia nas granadas, *schrappnell* e lanternetas.

Na última fase da Guerra da Tríplice Aliança foi distribuído armamento mais moder-

no para a Infantaria brasileira, o qual permitia atingir alvos mais distantes com maior rapidez de tiro. Em 1870, foi estabelecida a Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, sob a direção do Conde d'Eu, o qual procurou aproveitar a experiência adquirida na guerra contra o Paraguai. Como resultado, foi introduzido na Infantaria o fuzil de agu-



Canhão Krupp de origem alemã adotado pelo Exército Imperial⁷

lha Comblain e mantida na Cavalaria a clavina Spencer, que demonstrara sua eficiência durante a guerra. A Guerra da Tríplice Aliança representou para o Exército Imperial o fim do sistema de pederneira e carregamento dos fuzis pela boca.

A Artilharia do pós-guerra adotou materiais mais modernos, com maior alcance e cadência de tiro, com destaque para a introdução dos canhões Krupp alemães, a partir de 1881, que se haviam destacado durante a Guerra Franco-Prussiana (1870-71).

Liderança e pensamento militar

Durante a Guerra da Tríplice Aliança, as tropas brasileiras foram comandadas por oficiais afetos às atividades profissionais e experimentados nas campanhas do Prata e na pacifi-

⁵ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

⁶ Idem.

⁷ Acervo do museu da Academia Militar das Agulhas Negras

cação das revoltas internas do Período Regencial, como Caxias, Osório, Porto Alegre e Mallet, dentre outros, quase todos comprometidos com a Monarquia.

Nas duas décadas finais do século XIX, tais chefes militares foram reformados e morreram, dando espaço a uma nova geração de oficiais, com menor grau de lealdade ao Imperador. Nesse período destacam-se os tenentes-coronéis Benjamin Constant e Sena Madureira, que conseguiram inculcar na jovem oficialidade do Exército ideias positivistas, republicanas e pacifistas. Como consequência, proliferou nas escolas militares brasileiras o bacharelismo, e o preparo técnico-profissional do Exército declinou abruptamente, como observa Tasso Fragoso:

“Os oficiais positivistas com seu pacifismo só contribuíram para enfraquecer o espírito guerreiro, sem o que não existirá organização armada digna do nome.”⁸

Essa situação de despreparo permaneceria até o fim do Império e, como já foi assinalado, cobraria seu tributo na Campanha de Canudos no início da República.



Ten Cel Benjamin Constant



Ten Cel Sena Madureira

Organização

O Exército de 1864 era pequeno e despreparado para enfrentar a invasão paraguaia. Com o início da guerra, no entanto, foi necessária uma ampliação significativa nos efetivos e unidades do Exército, que, em seu apogeu, atingiu a seguinte estrutura:

- 22 Batalhões de Infantaria de Linha;
- 58 Corpos de Voluntários da Pátria;
- cinco Regimentos de Cavalaria;
- cinco Corpos Caçadores a Cavallo;
- quatro Regimentos de Artilharia;
- um Batalhão de Engenheiros;
- Esquadrões de Transportes;
- unidades da Guarda Nacional;
- outras unidades diversas.

Tal Exército compreendia aproximadamente 130 mil homens. Com o término da guerra, o Exército Imperial foi reduzido drasticamente, a Guarda Nacional desmobilizada e os Voluntários da Pátria extintos, juntamente com algumas unidades regulares. Para dimensionar a redução do Exército nos anos do pós-guerra, pode-se verificar a situação do efetivo: em 1880 o Exército possuía 15 mil homens e, no período entre 1881 e 1889, era constituído por um efetivo de 11 a 13 mil oficiais e praças, totalizando apenas 10% do efetivo mobilizado durante a Guerra da Tríplice Aliança.

A situação da Marinha Imperial

Da mesma forma que o Exército, a Marinha Imperial foi surpreendida despreparada quando da invasão paraguaia. Seus navios eram construídos para operações marítimas e poucos possuíam calado adequado para navegar nos rios da Bacia do Prata, sítio onde foram travadas quase todas as batalhas. Havia, sobretudo, falta de encouraçados capazes de operar em ambiente fluvial. Visando compensar tais

⁸ ARARIPE, Tristão de Alencar. *Tasso Fragoso: um pouco de história do nosso Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

deficiências, o governo brasileiro encomendou navios no estrangeiro e incrementou a produção de embarcações no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro com sistema duplo de propulsão. Desta forma houve tempo hábil para incorporar à Armada diversos navios com capacidade



Encouraçado *Brasil* operando no Rio Paraguai

de operação fluvial, entre eles o encouraçado *Brasil* (1865) e 12 canhoneiras.

A Marinha Imperial desempenhou papel decisivo no conflito contra o Paraguai, realizando operações conjuntas com o Exército e proporcionando o apoio logístico essencial ao sucesso das campanhas. Na execução de suas missões, a Marinha Imperial gozou de refinada liderança, com destaque para os almirantes Tamandaré, Barroso e Inhaúma. Acerca das ações navais juntamente com o Exército, Tamandaré assim expressou seu pensamento:

“Está a Esquadra brasileira em condições de destruir todas as fortificações paraguaias, do Passo da Pátria até Assunção, mas a necessidade é de um plano de ação conjunta entre a força terrestre e naval”.⁹

Se no início da guerra a Marinha encontrava-se em situação de preparo semelhante à

⁹ MOURA, Aureliano Pinto. *A Guerra da Tríplice Aliança – a ofensiva de 1866*. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 2007.

do Exército, após o conflito seguiu caminhos completamente opostos. Em razão das próprias características da oficialidade naval, mais ligada à Monarquia, as ideias positivistas não encontraram campo fértil na Marinha, a qual se manteve distante das questões militares e abolicionistas.

No período final do Império, a Marinha consolidou sua formação segundo o modelo naval britânico e cresceu em tamanho e poderio com a aquisição de modernas embarcações no estrangeiro, como os encouraçados *Aquidabã* e *Riachuelo*, tornando-se uma das mais expressivas potências navais das Américas.

Considerações finais

O período considerado no presente trabalho levou o Exército Imperial a dois extremos: apogeu e estagnação. Por motivos diversos não houve o aproveitamento do elã alcançado nem dos ensinamentos colhidos na Guerra da Tríplice Aliança, e, como consequência, o preparo técnico e profissional do Exército entrou em decadência nos últimos 20 anos do Império, o que se tornou evidente no fracasso das primeiras expedições contra Canudos.

Após prestar importante serviço ao Império, derrotando as forças de Solano López que ameaçavam a integridade territorial brasileira, o Exército foi desvalorizado, gerando uma insatisfação com o regime monárquico e acarretando na participação direta nas campanhas abolicionista e republicana. A Marinha, por outro lado, experimentou uma ascensão em tamanho e poderio e permaneceu mais junto ao Imperador até a Proclamação da República, em 1889.

No período, sobretudo, perdeu-se uma grande oportunidade no campo militar, com a não inserção do Exército Imperial no contexto dos exércitos da era industrial. ●

Referências

- ALVES, Joaquim V.P.F. *Seis Séculos de Artilharia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1959.
- ARARIPE, Tristão de Alencar. *Tasso Fragoso: um pouco de história do nosso Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
- BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscência da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- DONATO, Hernâni. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1982.
- FROTA, Guilherme de Andréa. *Quinhentos Anos de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- MAGALHÃES, João Batista. *Osório – Síntese de seu Perfil Histórico*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1978.
- . *Civilização, Guerra e Chefes Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- MOURA, Aureliano Pinto. *A Guerra da Tríplice Aliança — a ofensiva de 1866*. Rio de Janeiro: Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 2007.
- O Exército na História do Brasil – Volume II*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora; Salvador: Odebrecht, 1998.
- RUAS SANTOS, Francisco. *A Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.



Editorial 2009

Coleção General Benício

PODER MUNDIAL

A guerra no século XXI

George Friedman e Meredith Friedman

Essa obra trata das profundas modificações acarretadas pelo avanço da tecnologia digital na arte da guerra. Segundo os autores, ao encerrar-se o século XX, o Mundo assistiu ao final da primeira era geopolítica global, que persistiu por 500 anos.